

A Crise do Jornalismo e o Discurso sobre a Crise: Múltiplos Ângulos Possíveis de Abordagem para uma Compreensão Ampla das Mudanças em Curso¹

Renata CARRARO²

Faculdades Integradas Rio Branco, São Paulo, SP

Resumo

O texto tem como tema as mudanças atuais no universo do jornalismo e, por objetivo, apresentar um conjunto de contribuições bibliográficas, de natureza científica, capazes de explicitar diferentes contornos do problema, de modo a favorecer uma compreensão mais ampla das mudanças em curso. A multiplicidade de abordagens, inicialmente esboçada, abre espaço, num segundo momento, e sempre no âmbito da proposta inicial, para o confronto particular com os textos eleitos para um estudo específico dos novos perfis assumidos pelo jornalista profissional em nossos dias. A pesquisa, de que este texto representa apenas uma parte, tem em vista a produção de um livro, em formato de e-book, por doutorandos da Universidade Metodista de São Paulo.

Palavras-chave: jornalismo; perfil do jornalista; teorias do jornalismo; comunicação.

Um alemão, um estadunidense e um brasileiro explicitam, cada um a seu modo, o que nesta e nas demais partes do projeto de livro sobre o jornalismo atual se pretende alcançar ou oferecer. O alemão é Nietzsche, que manifesta a ideia de que o conhecimento humano é, por natureza, perspectivado, razão pela qual, como ele expressa em *A genealogia da moral* (2009), deve-se preferir mais olhos – ou perspectivas – a um olho só. Mesmo sem garantia alguma de que muitos olhos possam ver de fato melhor que um olho só, o que Nietzsche afirma pode ser encarado como um remédio útil para a cura do mal do reducionismo. O fato de não se trabalhar com certezas, e, sim, com possibilidades de compreensão não é estranho ao mundo da produção científica. Pelo contrário.

O estadunidense é Douglas Kellner, que assume o legado de Nietzsche em suas pesquisas em Comunicação e prefere trabalhar com a noção de multiperspectividade, como

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). E-mail: recarraro69@gmail.com. O texto aqui apresentado deve dar um tributo, dos mais elevados, à condutora do projeto de livro sobre o jornalismo hoje, Profa. Dra. Marli dos Santos, que é também a orientadora do projeto de pesquisa da autora.

ele explica em *A cultura da mídia* (2001). Kellner coloca diferentes teorias para dialogarem umas com as outras sobre um mesmo objeto, o que faz lembrar uma recomendação que a jornalista Eliane Brum costuma fazer para os seus pares: quando você, jornalista, tiver olhado e observado bem o que está acontecendo, tiver conversado com as pessoas etc., etc., não pense que seu trabalho acabou: atravesse a rua e tente ver as coisas de outro lado. Teorias, as mais diferentes, conceitos também diversos, pluralidade metodológica convivem com a harmonia possível nas proposições de Kellner.

E o brasileiro é Norval Baitello Junior, professor da PUC de São Paulo, que usa a metáfora das janelas, entre outros, no livro *O pensamento sentado* (2012): fica claro, em primeiro lugar, que uma janela representa um recorte, uma perspectiva, um ato redutor. Mas é possível concluir, com Nietzsche, que olhar um fenômeno a partir de diferentes janelas pode resultar em algo mais interessante que vê-lo de uma janela só. Porque uma janela só mais esconde que mostra. E, aí, também, vale o princípio de que mais é mais. Mais janelas. Mais disposição para se deslocar de um aposento para outro, da sala para a cozinha, o banheiro, a área de serviço. O mais das vezes, e de novo, não se encontra uma resposta, uma verdade, uma certeza, mas um caminho possível de entendimento, um conhecimento pertinente. E isso, em se tratando de problemas complexos, já é muito.

Múltiplas perspectivas, múltiplas janelas, ângulos, pontos de vista. A percepção gira ao redor da ideia de que a realidade é complexa, na acepção que Edgar Morin atribui a esse termo, no conjunto de sua obra: há sentidos, textos e contextos, conhecimentos e saberes que se tecem e entrecem, e de que, tendo-se isso em conta no campo da produção de conhecimentos, tendemos a abandonar a ideia simplista de que existem causas e de que existem efeitos (determinados), de que as coisas que investigamos sejam como sambas de uma nota só. Voltando a Nietzsche: mais que causas e efeitos, há uma rede de forças atuando sobre os fenômenos.

Crise “profunda”, “radical”

Com o jornalismo não poderia ser diferente. E se isso é verdade para um fenômeno tão importante para a sociedade e a democracia quanto o jornalismo, o é, em maior medida, em momentos como este pelo qual estamos passando, de crise. Crise esta que é entendida por uns em seu viés negativo, e é nessa seara que se ouvem com maior frequência discursos de fim disso, fim daquilo, e, no limite, do fim do próprio jornalismo.

Outros estudiosos já preferem ver na crise aquilo que originalmente o termo grego *krisis* evoca: um tempo ou momento de separar, de distinguir as coisas, de tomar decisões. Nesse sentido, a crise tem o seu lado positivo. É necessária, e saudável, até. Representa mais um movimento dialético do que um processo degenerativo, provocado pela chegada inevitável do fim da vida e de seu desfecho trágico na morte. Está mais para Heráclito – a lei eterna da mudança – que para Parmênides – a lei eterna do que permanece, dito de forma muito simples.

“A abrangência dessas inovações e a diversidade de posições sobre o caráter e as consequências dessas mudanças sugerem a necessidade de se aprofundar a reflexão e a pesquisa acadêmica sobre o assunto”, escrevem Fábio Henrique Pereira e Zélia Leal Adghirni, em “O jornalismo em tempo de mudanças estruturais” (2011, p. 40), artigo usado como leitura prévia para a escolha das “perspectivas” (Nietzsche, Kellner), ou “janelas” (Baitello Junior) a partir de cujos olhares montar a proposta deste e-book coletivo, como se verá adiante.

Pereira e Adghirni alertam que é preciso “escapar de dois simplismos recorrentes quando se trata de estudar o jornalismo”. O primeiro deles é o da “adoção, sem questionamento, do discurso de ‘crise’, recorrente na história da atividade jornalística (FERENCZI, 1993) e que muitas vezes é emitido pelo próprio grupo profissional como uma forma de autolegitimação”. O segundo é o da “crença em uma natureza imutável do jornalismo, como se parte dessa atividade fosse imune a inovações de ordem estrutural” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 41).

Todo cuidado do mundo no tratamento da complexa e complicada situação atual do jornalismo, no entanto, não coíbe os dois autores de reconhecer que as mudanças, como diz o próprio título do artigo, são de caráter “estrutural” e se efetivam tanto na “produção”, quanto no “perfil profissional” e “nas relações com os públicos”. Pereira e Adghirni insistem, já a partir do resumo: as mudanças são de natureza “profunda”, em diferentes aspectos do jornalismo, e “podem alterar radicalmente a forma como [o jornalismo] será praticado no futuro”. Reina um “sentimento de indefinição”,³ e a crise é “crise de valores,

³ “Não sei”, “não sabemos”, “é difícil”, “estou preocupada”. Estes são os termos mais recorrentes, usados pela jornalista Vera Guimarães Martins, há quase 30 anos no Grupo Folha e atual *ombudsman* da *Folha de S.Paulo*, numa recente entrevista que deu à revista *Communicare*, do Centro Interdisciplinar de Pesquisas da Faculdade Cásper Líbero (vol. 15, ed. 1, 1º sem. 2015, p. 20-29, publicada em 2016). Em dez páginas de texto, uma única certeza: “É mentira” que a sociedade não quer o jornalista. “Ela quer, sim, o jornalista. Não pense que o jornalismo está no fim, o impresso vive uma crise, de modelo de negócio. Mas nunca se leu tanto, nunca se teve tanto acesso a esses conteúdos” (p. 29). Claro que centrar os múltiplos sentidos da crise no tema

crise de identidade, crise financeira” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 40).⁴ Tomemos, como exemplo, algumas das coisas que os autores afirmam, ao tratar das “mudanças estruturais no perfil do jornalista”:

A verdade é que a roupa do Super-Homem não lhe serve mais. O jornalista prefere vestir a fantasia da circunstância, que lhe permite subir na vida profissional ou simplesmente sobreviver diante do desafio das ‘rotinas produtivas infernais’ às quais está submetido dentro de um mercado desconfigurado pelas tecnologias e pela legislação trabalhista. Como os guerrilheiros de Fernando Gabeira, os jornalistas parecem cansados (PEREIRA, ADGHIRNI, 2011, p. 48-49).

Múltiplas janelas

É nesse contexto de crise (“estrutural”), de mudanças e incertezas e de apelo para não se cair no simplismo, que foram geradas seis grandes categorias de análise, cada uma com suas ementas. A primeira dessas categorias, “Conteúdos/Produtos jornalísticos”, ocupa-se, principalmente, com “estudos que tratem sobre como os conteúdos jornalísticos estão sendo afetados pelas práticas contemporâneas”. A segunda, “Modelo de organização”, está interessada em estudar “a empresa jornalística como organização privada, pública e sem fins lucrativos”. O tema do “Consumo”, ou das “principais mudanças no consumo noticioso”, resume o conjunto de preocupações que conformam a terceira ementa.

“Plataformas de distribuição/Circulação”, a quarta categoria, cuida das “transformações nos processos de distribuição da informação”. A quinta, “Perfil do jornalista”, a qual será observada com detalhes um pouco mais adiante neste mesmo texto, como anunciado no Resumo, trata da “cultura de convergência multimídia e as mudanças no perfil do jornalista”. Por fim, a sexta e última – não porque não pudesse haver outras, mas pela questão prática de circunscrever o fenômeno em um universo de pesquisa que, embora amplo, possa ser executável num período de tempo determinado –, concentra-se no

do modelo de negócios parece hoje pouco, por mais importante que isso possa eventualmente aparecer no conjunto da discussão sobre o tema.

⁴ Na caracterização da crise, os autores assumem dados da Associação Nacional de Jornais, a ANJ, referentes ao período 2005-2009, e conseguem chegar às seguintes inferências: “Podemos, então, assumir que a famosa ‘crise de jornais’ não passa de um mito. Na verdade, os dados sugerem um ligeiro deslocamento dos leitores, dos meios tradicionais para as mídias on-line e digitais – do mesmo jeito que o mercado de trabalho evidencia um deslocamento dos jornalistas para os setores de comunicação institucional. A velocidade desse processo e as consequências dele, contudo, são difíceis de mensurar. Ou seja, seria precipitado dizer que os jornais estão em vias de extinção ou que serão substituídos pelas novas plataformas noticiosas. Por outro lado, os novos hábitos de leitura e consumo de informação, surgidos nesse cenário, começam a se fazer presentes mesmo dentre o público dos veículos tradicionais” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2011, p. 50).

tema da “Produção da notícia”, os modelos emergentes, as alternativas, a convivência entre antigos e novos modelos, neste nosso tempo de “convergência digital”.

Para cada uma das categorias foi fixada a tarefa de os seus responsáveis selecionarem até dez textos científicos, com foco na categoria específica, a partir de resumos, palavras-chave e leitura de textos introdutórios e de conclusões. Entre as fontes de consulta foram escolhidas desde universidades com mestrados e doutorados em Comunicação e linhas ou projetos de pesquisa com aderência aos temas estudados, até entidades da área (SBPJor, Compós, Intercom, FNPJ), órgãos representativos (Fenaj, Sindicato dos Jornalistas), revistas científicas (Qualis A2, de preferência), Labcom, UBI/Niewman Lab/Columbia Journalism Review, dissertações e teses.

Cada grande janela ou categoria, portanto, por meio de sua ementa, acabou por integrar um conjunto mais ou menos amplo de subcategorias, ou “perspectivas” (janelas dentro da janela principal), a partir das quais se faz possível perscrutar o fenômeno do jornalismo em sua fase atual de mudanças. O período de publicação dos dez textos é o dos últimos cinco anos (2012 a 2016), e a condição é que sejam de acesso aberto, disponíveis na internet no curso da pesquisa.

No caso específico da categoria “Perfil do jornalista”, pela qual esta autora ficou sendo a responsável e que será objeto das nossas considerações desta parte do texto em diante, foram escolhidos oito textos, pelas razões explicadas⁵, e a ementa ficou sendo a seguinte:

A cultura de convergência multimídia e as mudanças no perfil do jornalista. O jornalista multitarefas: apuração, redação, edição, ilustração, publicação e pós-publicação em diversas plataformas. A precarização das condições de trabalho: encolhimento de postos de trabalho e aumento de carga horária. A relativização dos padrões impostos pelos códigos deontológicos e a perda de valores históricos da profissão. O processo de deslocamento do mercado de

⁵ Sobre um dos textos descartados falaremos mais adiante. O outro (“Jornalistas de São Paulo: quem são e o que pensam em relação aos jornalistas americanos e franceses”, de Heloiza Hercovitz, disponível em <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/2023/1798>> e acessado em 30/06/2016) apareceu originalmente numa das fontes como tendo sido publicado em 2014, na *Revista Intercom*. O ano correto de publicação, no entanto, é 2000. Interessante observar que, na enquete conduzida com 402 jornalistas das principais empresas de comunicação de São Paulo, de um total de cerca de mil jornalistas, em 1998, a autora chegou aos seguintes resultados, no quesito “satisfação no trabalho” (deixamos de lado o comparativo, que ela faz, com jornalistas “franceses” e “americanos”): Muito Satisfeito = 17,2; Razoavelmente Satisfeito = 53,5; Um Pouco Insatisfeito = 18,2; Bastante Insatisfeito = 10,9. Seria interessante investigar a quantas anda a satisfação no trabalho, 18 anos depois, no cenário atual de forte crise, consideradas as mudanças “estruturais” (PEREIRA; ADGHIRNI) que se vêm operando no campo do jornalismo do início do século atual até hoje.

trabalho: da redação para as mídias institucionais o mídia das fontes. O jornalista-curador.

Pesquisa empírica sobre o perfil do jornalista

Citado com frequência em textos que tratam do perfil do jornalista profissional com seus distintos aspectos, o “Relatório Final de Pesquisa” assinado por Roseli Figaro, *O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo: um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo* (2012),⁶ não poderia deixar de assumir um lugar proeminente entre os textos selecionados. Estruturando a pesquisa a partir do binômio Comunicação e Trabalho, a dirigente do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA-USP (<<http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp/>>), utilizando-se de métodos qualitativos e quantitativos, procura “entender as práticas profissionais no contexto da fusão de mídias e de relações de trabalho cada vez mais precárias”, como ela diz no Resumo. Figaro (2012, p. 3) continua:

Obtém-se como resultado um mapa do perfil do jornalista e o ponto de vista deste profissional sobre seu trabalho, sobretudo no que diz respeito a sua identidade no trabalho, as rotinas produtivas, as condições de trabalho e a compreensão dele da relevância do jornalismo para os cidadãos.

O alentado estudo, desenvolvido no período 2009-2012 com apoio da Fapesp, e cujo relato final abrange 214 páginas, dedica uma parte ao tema dos “Estudos sobre perfis de jornalistas”, citando Grohmann (2012), com a seguinte nota de rodapé: “A dissertação de mestrado de Rafael Grohmann trata do jornalista freelancer como trabalhador e como receptor dos meios de comunicação. O estudo foi desenvolvido sob nossa orientação e parte dele está incorporado por esta pesquisa” (FIGARO, 2012, p. 13).

Foi assim, com efeito, que a mineração de textos científicos atuais (2012-2016) sobre o perfil do jornalista chegou a *O discurso dos jornalistas freelancers sobre o trabalho: comunicação, mediações e recepção*, dissertação de Mestrado de Rafael Grohmann, um dos integrantes da equipe do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho, defendida em 2012. Partindo igualmente do binômio Comunicação e Trabalho, o autor constata em sua pesquisa que “os discursos dos pesquisadores revelam, em todas as

⁶ Pesquisa anterior foi desenvolvida sob a coordenação da mesma autora, com apoio da Fapesp, entre os anos 2006 e 2008, com o título “Comunicação e trabalho: as mudanças no mundo do trabalho das empresas de comunicação”(Grohmann, 2012, p. 73),

instâncias, certo ajustamento ao ‘novo espírito do capitalismo’ e às suas prescrições, sendo mais individualistas e dificilmente enunciando questões coletivas; os engajados são exceções” (GROHMANN, 2012, p. 9).

É importante ressaltar, como o fazem Pereira e Adghirni (2012, p. 48), que, como resultado das mudanças estruturais na esfera do trabalho jornalístico, a ideia de um contrato formal de trabalho, no velho estilo da velha redação, perde crescentemente significado. “Os empregos informais, como freelancers ou os contratos como pessoa jurídica predominam nas redações brasileiras” (PEREIRA; ADGHIRNI, 2012, p. 48). O caso de Brasília, citado pelos mesmos autores, é emblemático, porque revela ao mesmo tempo a flexibilização do mercado de trabalho jornalístico, ou, ainda, uma verdadeira dispersão:

Capital dos jornalistas e dos assessores de imprensa, Brasília reflete bem essas mudanças no perfil do mercado de trabalho. Segundo a Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS/TEM), 39,25% dos 3.658 jornalistas de Brasília estavam classificados nos grupos: Edição e Impressão, Atividades de Rádio e de Televisão e Atividades de Agências de Notícias. O restante estava distribuído em outros setores, incluindo 1.795 jornalistas classificados como “Outros grupos” (Pereira; ADGHIRNI, 2012, p. 49).

Por fim, ainda no contexto da pesquisa empírica sobre o perfil do jornalista, o levantamento de textos científicos chegou a “O jornalista e os discursos sobre o seu trabalho”, de Claudia Nociolini Rebecchi, publicado na revista *Matrizes*, em 2013. Esse texto acabou não sendo incorporado à lista por se tratar, mais precisamente, de uma resenha do livro *As mudanças no mundo do trabalho do jornalista* (São Paulo: Atlas/Salta, 2013, 336 p.), organizado por Roseli Figaro, Cláudia Nonato e Rafael Grohmann, do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA-USP, que reúne os conteúdos do Relatório de Pesquisa sobre o mesmo tema, de que tratamos parágrafos acima.⁷

As cinco páginas da resenha trazem uma boa aproximação ao livro. No Resumo, a autora destaca que, “ao privilegiar o ponto de vista do trabalhador jornalista”, a obra “apresenta a construção de um cenário analítico que revela as condições, os embates, as contradições e as resistências vividas por uma classe profissional confrontada com a apropriação do seu saber-fazer pelo capitalismo constantemente reinventado” (REBECHI, 2013, p. 283).

⁷ Trata-se da segunda exclusão, de que tratou a nota 4 e que resultou na soma de oito textos selecionados.

Novas perspectivas de observação sobre o perfil do jornalista

Em ordem cronológica de publicação, seis outros textos foram selecionados para compor a cesta de propostas de leitura e estudo para a compreensão do perfil do jornalista na atualidade. O primeiro deles, “Jornalismo e democracia: o papel do mediador” (MORAES; ADGHIRNI, 2011), publicado pela revista *E-Compós*, é na realidade o mais antigo. Nele, as autoras se propõem a “pensar a mediação jornalística e o universo dos sujeitos no processo democrático brasileiro a partir das tecnologias digitais”. Moraes e Adghirni partem do princípio de que “a rede mundial de computadores alterou o modo de fazer jornalístico, incorporando o cidadão como produtor e consumidor de informação”.

O estudo de caso do episódio Ficha Limpa⁸ pelo site Congresso em Foco, produzido em Brasília, elas dizem, revela que “as possibilidades de interação entre sujeitos criam novos contornos à posição histórica do jornalista como mediador do debate público”. Percebe-se “uma comunicação baseada na intersubjetividade, em que uma situação comum e coletiva pode conectar cidadãos e jornalistas” (MORAES e ADGHIRNI, 2011, p. 1). O site Congresso em Foco tem entre seus objetivos, como escrevem as autoras, “auxiliar o (e)leitor a acompanhar o desempenho dos representantes eleitos, contribuindo assim para melhorar a qualidade da representação política no país” (Idem, p. 2). Elas anotam, nas conclusões:

O estudo empírico percebeu que as práticas jornalísticas podem migrar do conceito de “notícia para o público” rumo à “notícia com o público”. A mediação exercida pelo Congresso em Foco, na articulação da narrativa jornalística, não apenas incorporou a sugestão dos leitores à série de reportagens, como também modificou critérios estabelecidos na pauta original. O site tornou-se às vésperas das eleições de 2010, um espaço em que leitores influenciaram no desenvolvimento da notícia e, de certo modo, na própria arena política, por meio da defesa de suas ideias sobre o episódio Ficha Limpa (MORAES; ADGHIRNI, 2011, p. 11).

Um segundo texto, produzido a seis mãos por Jan Alyne Barbosa e Silva, Maria de Lourdes Pereira e Rodolfo Silva Ribeiro, todos da Universidade Federal do Piauí, e

8 A Lei da Ficha Limpa resultou de projeto de lei de Iniciativa Popular coordenada pelo Movimento de Combate à Corrupção. Foi sancionada em 19 de maio de 2010 pelo Congresso Nacional e publicada em junho do mesmo ano no *Diário Oficial da União*. Contou com 1,3 milhão de assinaturas de cidadãos de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal. A lei proíbe a candidatura, entre outras razões, de pessoas condenadas por corrupção eleitoral.

publicado em 2013 pela revista *Brazilian Journalism Research*, do SBPJor, traz por título “Convergência profissional: estudo de caso das transformações no perfil do jornalista”. Os profissionais jornalistas, como defendem os autores, “sempre sofreram com as fragilidades do seu campo enquanto instituição”, o que, segundo eles, vem se agravando com a revolução nas tecnologias de informação e de comunicação: funções são extintas, outras são (re)criadas, enquanto outras atividades, que, historicamente “constituíam o cerne da atividade jornalística”, acabam por se “pulverizar”. “Confrontado com as pressões da concorrência de empresas jornalísticas e do discurso de atualização constante e para não se tornar ultrapassado, o jornalista é pressionado a desenvolver novas habilidades” (SILVA; PEREIRA; RIBEIRO, 2013, p. 50). O tema do jornalista polivalente ou multifuncional é estudado no caso do jornalista Efrém Ribeiro, do Sistema Integrado de Comunicação Meio Norte, que “vem exercendo e acumulando uma série de funções anteriormente distribuídas de forma segmentada e incorporando inovações tecnológicas aos seus processos produtivos” (IDEM, p. 50).

Com câmeras fotográficas penduradas no pescoço, gravador, bloco de notas, smartphone, notebook e conexão com a internet, o jornalista piauiense Efrém Ribeiro ilustra um comportamento que aos poucos influencia a rotina produtiva de outros jornalistas dentro do Sistema Integrado de Comunicação Meio Norte (SICMN), sediado em Teresina – Piauí, que inclui, além do jornal impresso, emissoras de rádio, televisão e portal na internet (SILVA; PEREIRA; RIBEIRO, 2013, p. 51).

Ocorre no Piauí o mesmo que os autores percebem estar acontecendo com as grandes empresas de mídias Brasil e mundo afora. As opiniões dos críticos sobre o assunto, entretanto, divergem. A palavra de ordem parece ser “adaptação”:

Nesse cenário, apesar dos constrangimentos, acúmulos de funções, sobrecarga de trabalho e desvalorização salarial, as opiniões quanto ao processo divergem entre efeitos positivos e negativos sobre o profissional e demonstram uma tendência a conceber a necessidade de adaptação às práticas emergentes que estão sendo desenvolvidas nas rotinas produtivas a partir das tecnologias digitais.

Um terceiro texto, *O editor e seus labirintos: reflexos da crise de paradigmas do jornal impresso*, é a tese de Doutorado, defendida na ECA-USP por Renato Essenfelder em 2013. O foco recai sobre a figura do editor, e, para tentar entendê-la no universo da crise do

modelo de negócios dos jornais impressos, o autor entrevista 11 editores, diretores, secretários de redação e outros atores do mundo da produção noticiosa dos principais veículos de São Paulo, incluindo os jornais gratuitos *Destak* e *Metro* (todos eles editores seniores), avançando em sua análise um passo além da conhecida crise comercial-financeira. Com efeito, para Essenfelder (2013, p. 8), essa crise “trouxe à tona uma segunda crise, que já se desenrolava havia mais tempo: a crise de paradigmas do jornalismo praticado nos meios impressos na sociedade contemporânea”. É a partir dessa constatação que o pesquisador vai a campo, com o auxílio da bibliografia especializada, perguntar “como os editores de jornal impresso enxergam o seu papel e o papel desses veículos na atualidade, em um cenário marcado pela instantaneidade da informação” (ESSENFELDER, 2013, p. 8).

A noção de editor-curador é frequente na fala de mais de um entrevistado, como, por exemplo, de Sérgio Dávila, diretor-executivo da *Folha de S. Paulo*. Nas Considerações Finais, Essenfelder aponta que, “se não parece acertado dizer que a internet revolucionou o jornalismo, já que seus fundamentos e ética se mantêm independentemente da plataforma usada, não parece correto, igualmente, afirmar que o impacto é meramente instrumental”. Ele acrescenta:

As novas tecnologias, além de transformarem o modo de fazer jornal, obrigaram a uma revisão sobre o papel do jornal na sociedade atual. O *newspaper of the record*, como diz o editor-executivo da *Folha de S. Paulo*, Sérgio Dávila, acabou. Não há mais “jornal de registro”, o jornal que pretende ser um resumo de tudo o que aconteceu na véspera. Esse resumo está na internet, apresentado de maneira mais ágil. Junto com o jornal de registro saem de cena os editores-zeladores, aqueles que definiam, tomando emprestada a metáfora da teoria do Gatekeeper, o que era ou não notícia, o que entrava ou não na Redação. Entram em cena, conseqüentemente, os editores-curadores: aqueles que organizam o conteúdo, estabelecem nexos e investem no contexto dos acontecimentos e no entorno da notícia (ESSENFELDER, 2013, p. 129-130).

Em “Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador de audiências”, artigo publicado na revista *E-Compós* do primeiro quadrimestre de 2014, o quarto dos seis textos que estamos apresentando neste segundo bloco, Adriana Barsotti parte da ideia, bastante genérica, de que “o modelo de comunicação horizontal da internet deu voz a todos, pondo em xeque o papel do jornalista e reconfigurando suas funções”, para apresentar o objeto de análise de seu artigo, que foram

“as rotinas produtivas nos sites dos jornais O Globo e Extra”, com o intuito de “verificar como a web adicionou papéis a estes profissionais”. O tradicional *gatekeeper* passa a ser entendido por muitos como *gatewatcher* no mundo on-line, isto é, “um observador à procura de conteúdos para seu público”. Diz a autora, ainda no Resumo:

Assim como a internet traz uma nova camada de informações ao jornalismo on-line, ela também superpõe camadas funcionais aos jornalistas. A crescente participação do público propõe novas funções aos profissionais na redação. A aposta teórica desta pesquisa é que o jornalista on-line está firmando sua identidade em um novo alicerce: o de mobilizador da audiência, atuando para engajar seu público em torno de diversas causas (BARSOTTI, 2014, p. 1).

Concluindo, Barsotti (2014, p. 16) considera que “o processo de *gatewatching* se superpõe ao de *gatekeeping*”, na atual configuração do jornalismo. Entretanto, nem a soma dos dois conceitos dá conta de abarcar todas as funções do jornalista na web, uma vez que ele “também exerce o papel de mediador entre as notícias e seu público”. Uma mediação mais alargada, que inclui o fato de que “a possibilidade de comentar, dar notas e ranquear as notícias abre fóruns de discussão entre os jornalistas e sua audiência que podem retroalimentar o processo de edição”. A pesquisadora conclui:

É neste ponto, face a face com seu público, que o jornalista on-line oscila entre a função de entreter e mobilizar sua audiência. Dependendo dos anseios dos leitores, ora toma o atalho da distração, ora tenta engajar seu público em torno de causas cidadãs. O papel de mobilizador de audiência poderá reabilitar o jornalismo? Para que a função de mobilizador faça sentido é preciso avaliar a repercussão de suas ações. Observar atentamente de que maneira a audiência está reagindo pode ser uma pista para definir em que medida o jornalista está se aproximando de um animador ou de um mobilizador, de fato (BARSOTTI, 2014, p. 17).

A penúltima opção de texto para a pesquisa sobre o perfil do jornalista na atualidade traz a contribuição de Cláudia do Carmo Nonato Lima, em forma, mais uma vez, de tese de doutorado, defendida na ECA-USP em 2015, com o título *Jornalistas blogueiros, migrantes da comunicação: em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão*. O ponto de partida são duas hipóteses, assim formuladas: a primeira delas, de que “os profissionais do jornalismo estão migrando das mídias tradicionais (impresso, rádio e TV) para novas mídias, principalmente para os blogs”, e a segunda, de que “os jornalistas adotaram e estão migrando para os blogs em

busca de maior autonomia, independência, liberdade de expressão e realização profissional” (Lima, 2015, p. 8). Orientada por Roseli Figaro, a pesquisadora integra a equipe do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da ECA-USP, utilizando como base de sua investigação, portanto, as relações entre Comunicação e Trabalho.

Como resultado, Lima constata que “os jornalistas migraram para os blogs em busca de autonomia, entre outros motivos, mas encontraram obstáculos que os impedem de exercer a plena liberdade de expressão no novo meio, como o cerceamento financeiro e o judicial”. Também, que esses jornalistas “estão em busca de novos arranjos econômicos que possibilitem o pleno exercício da profissão nos blogs”. A autora entende o caráter provisório de sua pesquisa, num cenário como esse, de rápidas e cada dia mais surpreendentes mudanças, e, pensando a questão sob o ponto de vista de alternativas possíveis à corrente da mídia ordinária, sugere:

As transformações abordadas nessa tese, principalmente a migração para o jornalismo digital, os obstáculos e soluções econômicas encontrados pelos jornalistas blogueiros, e a luta pela democratização dos meios de comunicação são recentes e, a nosso ver, encontram-se em transição. Desse modo, como sugestão de pesquisas futuras, consideramos ser extremamente importante acompanhar o desenvolvimento das novas mídias alternativas e contra hegemônicas não só do Brasil, mas também grupos de países da América Latina, que seguem a sua tradição em comunicação alternativa e atualmente dispõe de uma grande gama de agências virtuais de notícias (Moares, 2013). É interessante observar se os jornalistas latino-americanos compartilham das mesmas dificuldades (econômicas e judiciais) e arranjos econômicos que os colegas brasileiros (LIMA, 2015, p. 233).

Um tema que tangencia o do perfil do jornalista na interface com as novas tecnologias digitais é o do fim da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão. Fábio Henrique Pereira e Kênia Maia debatem o assunto em “O jornalista brasileiro face ao fim da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão: reagenciamento do repertório de legitimação profissional”, texto publicado na revista *Trabajo y Sociedad*, de Santiago del Estero, Argentina, em 2016.

No centro da discussão encontra-se a identidade profissional dos jornalistas brasileiros. Quais as estratégias discursivas do grupo profissional em situação de ameaça? A obrigatoriedade do diploma de nível superior para o exercício do jornalismo foi extinta pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em junho de 2009. Os autores estudam os textos

publicados naquele mês no site de crítica da mídia *Observatório da Imprensa*. Eles explicam:

A leitura do corpus se centra nas interações e nos modelos retóricos articulados por jornalistas, professores, ministros do STF, sindicatos, sociedades científicas, parlamentares, juristas e leitores do site. Tais atores sociais negociam discursivamente uma definição sobre o que seria um jornalista. Conclui-se que as interações analisadas reforçam a manutenção de identidade profissional no jornalismo marcada pela tensão entre uma competência técnica e uma atividade intelectual. Esta tensão constitutiva se faz presente mesmo quando o estatuto do jornalista é questionado por um discurso de “crise” ou “ameaça” (PEREIRA; MAIA, 2016, p. 35).

Pereira e Maia concluem, com base em estudos conduzidos por pesquisadores em diferentes partes do Brasil, que “os impactos reais dessa mudança na estrutura do mercado de trabalho não foram tão expressivos”. Não teria havido, também, no período entre 2009 e 2016, uma “substituição de jornalistas formados por profissionais sem formação”, uma vez que, “com a oferta abundante de egressos da universidade, as empresas jornalísticas não teriam sentido necessidade em contratar jornalistas não diplomados” (PEREIRA; MAIA, 2016, p. 46).

Algo que os autores não estão em condições de avaliar são “os impactos do fim do diploma na qualidade da informação jornalística (e os seus efeitos, por exemplo, na democracia)”. Já quanto àquilo que se refere à identidade profissional, os autores acreditam ter mostrado que, “apesar do discurso de ‘crise’ ou ‘ameaça’ à profissão”, observa-se “uma relativa estabilidade na definição do jornalista veiculada, pelo menos no debate que se seguiu ao fim do diploma” (Idem, p. 46). E concluem, com base nos distintos argumentos veiculados pelo *Observatório de Imprensa*:

Os discursos de mudança, emitidos por ocasião da decisão do STF, consistiriam, portanto, em estratégias corporativas de encobrimento das realidades estruturais (Ruellan, 2004; 2006), que acabaram por reforçar uma ideologia profissional já estabelecida, fortemente calcada em argumentos corporativos. Nesse contexto, nada mais ilustrativo que uma declaração feita pela Federação Nacional de Jornalistas uma semana após o fim da obrigatoriedade do diploma: “Em que pese o duro golpe na educação superior, os cursos de Jornalismo vão seguir capacitando os futuros profissionais e, certamente, continuarão a ser a porta de entrada na profissão para a grande maioria dos jovens brasileiros que sonham em se tornar jornalistas” (apud MOTTA, 23/06/2009).

Considerações finais

Como é fácil observar, este texto transita pelo fértil território das especulações sobre os diferentes lados, sentidos, enfoques, perspectivas e possíveis respostas que o fenômeno das mudanças em curso no campo do jornalismo contemporâneo pode assumir. Quaisquer que sejam essas respostas, provavelmente terão que ser vistas, no horizonte de um pensamento complexo, mais como caminhos possíveis de entendimento do que como pontos finais para uma discussão em movimento.

Considerada a proposta geral da pesquisa, com suas seis categorias e com cada uma dessas categorias compreendendo uma séria de outras subcategorias (as ementas), o número total de textos escolhidos (próximo a 60) e sua natureza científica, parece justo supor que, colocando esses textos, autores e teorias em diálogo uns com os outros, estaremos em condições de traçar um bom perfil e um alicerce bem fundamentado para uma conversa sobre o jornalismo hoje, em fase de aceleradas mudanças. Usando novamente a metáfora da janela ou da multiperspectivação, estaremos contemplando o acontecimento sob diferentes olhares, com chances maiores de fugir ao reducionismo ou à simplificação daquelas abordagens que continuam imaginando compreender o mundo a partir unicamente do lado para o qual o seu nariz aponta.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO FILHO, Renato Essenfelder. **O editor e seus labirintos**: reflexos da crise de paradigmas do jornal impresso. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA-USP, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-16052013-154451/pt-br.php>>. Acessado em: 30/06/2016.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado**: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo, RS: Editora da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2012.

BARSOTTI, Adriana. Transformações contemporâneas nas práticas jornalísticas: o jornalista on-line como mobilizador de audiência. **E-Compós**, Brasília, v.17, n.1, jan./abr. 2014, p. 1-20. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/1080/761>>. Acessado em: 30/6/2016.

FIGARO, Rosely. **O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo**: um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo. Relatório final de pesquisa. São Paulo: ECA-USP, 2013. Disponível em:

<http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/wp/wp-content/uploads/relatorio_final_2012.pdf>.
Acessado em: 30/6/2016.

GROHMANN, Rafael. **O discurso dos jornalistas freelancers sobre o trabalho**: comunicação, mediações e recepção. Dissertação de Mestrado. São Paulo: ECA-USP, 2012. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-18082012-160234/pt-br.php>>. Acessado em: 30/6/2016.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Carlos, SP: Edusc, 2001.

LIMA, Cláudia do Carmo Nonato. **Jornalistas, blogueiros, migrantes da comunicação**: em busca de novos arranjos econômicos para o trabalho jornalístico com maior autonomia e liberdade de expressão. Tese de Doutorado. São Paulo: ECA-USP, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-26062015-112522/pt-br.php>>. Acessado em: 30/6/2016.

MORAES, Francilaine Munhoz; ADGHIRNI, Zélia Leal. Jornalismo e democracia: o papel do mediador. **E-Compós**, Brasília, v.14, n.2, maio/ago. 2011, p. 1-15. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/642/520>>. Acessado em: 30/6/2016.

NIETZSCHE, Friederich. **A genealogia da moral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PEREIRA, Fábio Henrique; MAIA, Kênia. O jornalista brasileiro face ao fim da obrigatoriedade do diploma para exercício da profissão: reengenharia do repertório de legitimação profissional. **Trabajo y Sociedad**, n. 26, Verano 2016, Santiago del Estero, Argentina, p. 35-50. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3873/387343599003.pdf>>. Acessado em: 30/6/2016.

PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1. n. 4. p. 38-57, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/19208/12362>>. Acessado em: 30/06/2016.

REBECHI, Claudia Nociolini. O jornalista e os discursos sobre o seu trabalho. **Matrizes**, ano 7, n. 2 jul./dez. 2013, São Paulo, p. 283-287. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/493/pdf>>. Acessado em: 30/6/2016.

SILVA, Jan Alyne Barbosa e; PEREIRA, Maria de Lourdes; RIBEIRO, Rodolfo Silva. Convergência profissional: estudo de caso das transformações no perfil do jornalista. **Brazilian Journalism Research**, v. 9, n. 2, 2013, p. 50-67. Disponível em: <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&rlz=1C1CAFB_enBR651BR651&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=Converg%C3%Aancia+profissional%3A+estudo+de+caso+de+transforma%C3%A7%C3%B5es+no+perfil+do+jornalista>. Acessado em: 30/6/2016.